

Capítulo 1

Em busca da felicidade

Meu pai desde seu casamento tornou-se um aventureiro. Sua infância foi muito sofrida. Abandonado aos sete anos com mais cinco irmãos pelo meu avô que, sequer, deixou endereço, ele cresceu numa fazenda sem estudos, sem perspectiva de um futuro promissor, tendo uma vida pobre e difícil. Em 1957, aos vinte e cinco anos casou-se e logo saiu em busca do pai, pela necessidade de sustentar a família. Os tempos eram de extrema necessidade, e a grande maioria do povo sofria vítima do desemprego e das crises econômicas e sociais.

Meu pai encontrou meu avô, contudo descobriu que não poderia contar com nenhuma ajuda dele, porque vovô havia constituído uma nova família.

Numa situação quase desesperadora, papai passou a buscar, de cidade em cidade, condições para estabelecer e nos dar uma vida melhor, de estudo e futuro, que ele não teve.

Em poucos anos já éramos cinco filhos e, mais uma vez, meu pai voltou a procurar meu avô e como da primeira vez, ele não conseguiu a ajuda de que precisava. Frustrado, desapareceu nos deixando sem nenhum endereço. Minha mãe passou a ter problemas “neurológicos”, perdendo a memória. Recordo-me de muitas vezes ir buscá-la vagando pelas ruas com um saco de roupas sujas, dizendo ir para a casa de sua mãe e, por consequência dessa situação, eu e meus irmãos fomos então distribuídos entre familiares para sermos cuidados. Fui levado para a casa de uns tios para uma fazenda, num vilarejo muito distante de onde morávamos, e por lá fiquei um ano vivendo com familiares da minha mãe. Foi um período muito ruim para mim pela ausência dos meus pais e meus irmãos; dezenas de vezes, escondido de todos chorava baixinho para não ser ouvido por ninguém. Finalmente, decorrido um ano, mamãe recuperou-se e veio me buscar.

A essa altura, meu pai havia retornado de sua aventura, e tentou a abertura de um pequeno negócio na cidade com o dinheiro de uma herança da minha avó materna que foi frustrada.

Antes de mudarmos para São Paulo meu pai, sem conhecimento do evangelho e do Senhor Jesus cometia um mais erro: o início de um relacionamento com outra mulher, passando a viver uma vida dupla, formando uma segunda família, acrescentando mais quatro filhos aos oito de casa, além de minhas duas irmãs Edna e Maria José que vieram a falecer ainda na infância.

No final do ano de 1968, chegamos a São Paulo e fomos para a casa de tia Zenith, na capital depois de residirmos em Minas Gerais e Goiás. Esses tios moravam em dois cômodos na época, e, penso eu, terem cinco filhos. Permanecemos com eles por uns três meses. Vivíamos como ratos em toca, amontoados, por falta de espaço do lugar. Mais uma vez fomos abandonados por papai sem dizer para onde ia e nem quando voltaria.

Mamãe sem condições financeiras, sem apoio do esposo e longe dos seus familiares que desconheciam nossas dificuldades, não teve alternativa a não ser trabalhar para levantar recursos. Comigo ao seu lado, passou a vender sanduíches pelas ruas do bairro para comprar alimentos e ajudar no custo domiciliar.

Meses depois, meu pai retornou e nos levou para a cidade de Aparecida, no Vale do Paraíba, para morarmos num cômodo no meio de uma várzea; lugar de refúgio de animais a quilômetros da cidade, sem eletricidade e sem qualquer forma de saneamento básico.

Minha avó, mãe do meu pai, mulher espiritualmente obsessa por um ódio satânico, veio morar conosco nesse cenário desolador. Tinha crises de ira contra minha mãe e, muitas vezes atormentada por espíritos demoníacos, passei a ser alvo de seu ódio. Com oito anos de idade, era obrigado a carregar água de uma fonte que ficava a uma grande distância da minha casa. Passava o dia inteiro carregando água numa pequena lata em cada uma das mãos, despejando-as num latão com capacidade de duzentos litros que ficava ao lado do nosso abrigo, até enchê-lo.

Além do esforço de transportar água, tinha também, que andar quilômetros até o local de trabalho de meu pai e trazer madeira para o fogão de lenha. Recordo-me de que enquanto caminhava pela estrada, pegava cones de sorvete vazios, jogados por pessoas, através das janelas dos ônibus, retirava as dezenas de formigas e os comia, buscando uma maneira

de saciar a minha fome. Em pouco tempo fiquei tuberculoso por falta de nutrição e do esforço físico das constantes viagens que fazia com as latas de água e as madeiras.

Meu pai havia conseguido um serviço temporário de guarda noturno e minha mãe, nessa ocasião, se viu grávida. Em minha memória trago vívidos os momentos do nascimento de meu irmão José. Por volta das onze horas de uma noite fria do mês de junho, mamãe começou a sentir as contrações e a bolsa estourou. Saí, em meio à escuridão com ela, andando e desviando dos buracos nas trilhas dos animais, até chegarmos a um pequeno hospital, nos arredores da cidade e logo veio à luz meu irmão que por pouco, não nascia no meio da rua, em plena escuridão.

Um mês depois, estávamos colocando o pouco que tínhamos em sacos (roupas e panelas), nas costas prontos para mais uma aventura. O agravamento de minha saúde fez meu pai retornar a São Paulo. Na capital, fiz uma radiografia, constatando uma mancha nos meus pulmões. O dinheiro era escasso e só mesmo um milagre poderia me salvar. Vomitava constantemente e meu corpo havia se transformado; quem me olhasse só via pele

e osso. Embora não tendo sido afetados pela tuberculose, meus irmãos estavam fisicamente debilitados também vítimas da fome.

Novamente minha mãe se viu sozinha na casa de tia Zenith, por mais um sumiço de papai. Dessa vez, foram alguns dias de ausência e, no retorno, trazia a notícia de ter conseguido um trabalho e uma casa, na cidade de Taubaté, no interior de São Paulo, no final de 1969. Ficamos todos alegres, pois, afinal, iríamos morar na nossa própria casa.

Chegando àquela cidade, desembarcamos na estação rodoviária e, para nossa surpresa, descobrimos que não havia nenhuma casa à nossa espera. Era mais uma de suas irresponsáveis aventuras. Ficamos ali, no jardim da estação, sem saber o desfecho daquela jornada ou o que nos aguardaria o futuro. Eu estava cada vez mais debilitado. Meu pai saiu à procura de um lugar onde pudéssemos ficar, deixando minha mãe desconsolada com os sacos e nos vigiando.

Em meio a tudo isso, o Senhor estava trabalhando. Ele estava em todo o tempo, no controle da situação e hoje, posso afirmar que Deus nunca nos abandonou. Enquanto aguardávamos a volta do meu pai, apareceu

uma senhora que nos ofereceu sua sala para dormirmos naquela noite. Dona Tereza foi a pessoa usada por Deus para nos acolher. Quando meu pai retornou, fomos todos para a casa daquela amável senhora. Dormimos lá por três dias, até que alguém nos informou de um quarto para alugar e mudamos para o local quase que imediatamente. Na primeira semana, o quarto alagou depois de uma chuva forte. Mas, como disse, o Senhor tinha um propósito para nossas vidas. Os vizinhos nos ajudaram doando móveis e alimentos.

Meu pai não era homem de conversar com os filhos. Jamais disse, para qualquer um de nós que nos amava. Ele não sabia expressar seus sentimentos porque nunca havia ouvido de seu pai palavras carinhosas logo, não conseguia falar amavelmente conosco. Havia sobre nossa família uma maldição vinda de muitas gerações, procurando destruí-la. Ele não tinha amigos, não confiava em ninguém e, na maioria das vezes se alguém tentasse aproximar mais intimamente da família, ele arrumava um jeito de retirar aquela pessoa do nosso meio.

Passado algum tempo, fui levado ao hospital da cidade para uma consulta e nova

radiografia do pulmão. No dia marcado para saber o resultado do raio X, meu pai foi comigo. Ele me carregava no colo e me apertava de uma maneira diferente. Demonstrava, naquele momento um afeto paterno jamais sentido por mim. Ao chegarmos o médico pegou minha radiografia, colocou-a diante da luz e disse: “Seu filho não tem mais nada no pulmão. A mancha desapareceu.” Os olhos do meu pai, que eram azuis como o céu, brilharam como duas bolas de gude e, naquela hora, vi um grande sorriso na sua face. Tomou meus braços esqueléticos os levantou, e me abraçando beijou-me.

Sem motivação, e muito deprimido, meu pai não tinha vínculos empregatícios com nenhuma empresa; apenas negociava pássaros que adquiria em suas viagens ao litoral paulista. Em nova etapa de luta pela sobrevivência, minha mãe começou a fazer pastéis e coxinhas¹ para eu vender nas ruas da cidade e, ao mesmo tempo, lavar roupa para algumas famílias. Eu estudava na parte da manhã e todas as tardes, saía com uma cesta das iguarias para vender.

Assim fomos crescendo. Todos os dias eu entregava o dinheiro das vendas dos salgados¹

para o meu pai. Por causa de sua vida dupla, ele se tornara agressivo com a família e me espancava a ponto de minha mãe ter que me colocar em bacia com água e sal pela violência das surras. Ao mesmo tempo que cuidava de meus ferimentos, minha mãe por vezes, agia agressivamente comigo e os demais filhos; não dialogava conosco e por vezes se mostrava insegura diante dos problemas e dos maus tratos de meu pai. Todos nós tínhamos um medo tremendo deles, mesmo assim, eu os amava muito e eles eram os melhores pais do mundo, para mim.

Nesse tempo, meus irmãos, por parte de pai, mudaram para a mesma cidade que morávamos e, em diversos momentos, deparei com meu pai andando com eles pelas ruas do bairro em que residiam. Eu me escondia, evitando um confronto com a família e por medo da reação dele. Até então, ele omitia de nós e da mamãe o segundo relacionamento mal sabendo do nosso conhecimento de sua vida dupla.

Além dos problemas emocionais, da violência que sofriamos, havia a dificuldade financeira, pois, o que ganhávamos era para sustento não só da nossa casa, como da outra

família. As vendas dos salgadinhos¹ ajudavam, porém por ser adolescente, eu tinha medo de distanciar-me e me perder, por isso, não conseguia trazer renda suficiente para manter a casa. Comíamos o arroz mais barato do supermercado, minha mãe plantava verduras no quintal e carne era uma raridade. A água utilizada era de poço e não havia rede de esgoto. Fomos, desse modo, infectados de parasitas, causando um atrofiamento físico em mim e nos meus irmãos o que dificultava ainda mais as coisas.

Satanás, de todas as formas, tentava destruir-me fosse por doenças, fome ou violência no lar. Paralelamente a essas adversidades, sofria com o bullying de alguns alunos da escola quando me encontravam com a cesta de salgados vendendo nas ruas e pela minha pronúncia diferente, por ser de outra região do país. Atormentado por eles, a minha vida na escola se tornou um caos. Constantemente, era ameaçado e várias vezes me espancaram, em bando. A partir de então, tinha que me esconder ao chegar e ao sair da escola, para não ser visto e não apanhar.

No meio de todos esses desafios e perseguições que rotineiramente eu

enfrentava, contudo presenciava grandes milagres na minha vida.

Um dia, estava na laje de um prédio em construção vendendo meus pastéis e um dos trabalhadores me mostrou as novas instalações de um edifício hospitalar da cidade e disse: “se você for lá naquele prédio, você vai vender todos os seus pastéis, num piscar de olhos.” O lugar parecia ser bem distante, e logo ouvi uma voz me dizer: “Não vá lá, é muito longe.” Eu ouvi e obedeci e assim continuei no mesmo ritmo, tentando vender quarenta pastéis por dia, trazendo, somente parte do dinheiro para as despesas. Lembro-me de quantas vezes ter visto minha mãe olhar dentro da cesta, contar vinte dos quarenta salgados que havia feito pela manhã, e seus olhos se encherem de lágrimas.

Ela era uma lutadora inigualável, nunca desistia e, a fim de acrescentar aos poucos ganhos da família, incansável lavava roupas de famílias e mecânicos da região, trabalhava como empregada alguns dias da semana e encontrava tempo para fazer os pasteis que eu vendia. Fora sua imbatível luta interior pela complicada relação com meu pai que lhe trouxe desgostos cruéis. O esforço demasiado

da labuta diária e de retirar água de um poço profundo fez minha mãe vítima de vários abortos espontâneos. Inúmeras pessoas aconselhavam-na a abandonar meu pai, pois viam os maus-tratos sofridos por ela e os filhos, mas ela não o deixava, ao contrário, cuidava dele com um amor fora do comum.

Num sábado, minha mãe fez, como de costume, os quarenta pastéis para eu vender. Quando saí de casa, ouvi uma voz me dizendo: “vá até o prédio distante.” Eu achei meio estranho e disse comigo mesmo: “eu não posso ir até lá, é muito longe.” Mas a voz insistia para que eu fosse até aquele lugar. Resolvi tomar coragem e seguir e assim o fiz. Andei cerca de meia hora e, quando lá cheguei, deparei-me com um enorme portão de madeira. Bati bem forte e, por uns minutos depois, alguém abriu. Surpreso com minha presença essa pessoa gritou para os outros trabalhadores: “Tem um pasteleiro aqui!” Em minutos, os quarenta pastéis desapareceram da cesta, voltando para casa em menos de duas horas.

Minha mãe ficou extremamente surpresa ao me vir chegar em menos tempo que de costume então, (às vezes, eu levava até sete horas tentando vende-los) contei o ocorrido e

lhe pedi que fizesse oitenta pasteis para o próximo sábado (eu vendia de segunda até o sábado, contudo naquela época, as empresas pagavam os empregados aos sábados e, portanto, era mais fácil vendê-los naquele dia). No sábado seguinte andei meia hora, percorrendo o novo caminho, carregando a cesta com os oitenta salgados¹ e, em lá chegando, vi evaporarem os pastéis em minutos, voltando para casa mais cedo como da outra vez. Os bolsos no pequeno short que usava se avolumaram cheios de notas, embora não significasse grande lucro porque a alta inflação que corroía a economia brasileira, nos obrigava dispor de muitas cédulas ou moedas para pagar ou receber até pequenos valores. Ao chegar em casa em menos tempo e mais dinheiro vi, no rosto de minha mãe, um sorriso que há muito não via. Todo orgulhoso com o sucesso de minhas vendas falei para meus pais: “na próxima semana vocês podem fazer cento e quarenta pastéis, porque vou vendê-los todos.” (devido ao volume das vendas meu pai também passou a ajudar na cozinha). Assim, tiveram que comprar uma cesta que coubesse os mais de cem pastéis e prover dinheiro para pagar a passagem de ônibus, pois o peso da

cesta era além do que eu podia carregar. O diabo já naquele tempo, não queria que eu fosse longe, entretanto a graça divina me deu fé e coragem para crer na proteção e provisão de Deus, obedecendo então ao comando da voz do Senhor.

Dessa forma o Senhor nos abençoou e por dois anos, com o dinheiro dos pastéis, conseguimos pagar dois alugueis e prover sustento para todos. Todo o dinheiro que eu ganhava trazia para casa e entregava aos meus pais. Conhecendo as Escrituras, hoje entendo como Deus sustentou Elias durante a escassez de pão em Israel, sem deixar o seu servo morrer de fome. O Senhor também nos sustentava milagrosamente, ainda que continuássemos curvando e servindo aos ídolos por ignorância, e por desconhecimento da Palavra de Deus.

Lembro-me de um final de ano em que eu e minha irmã, Carmem saímos para vender verduras e tentarmos levantar algum dinheiro para compra de presentes da tradição natalina. Batemos à porta de uma mansão da cidade e a dona da casa nos presenteou com chocolates.

De outra feita, enquanto voltávamos para casa, encontrei uma boa soma de dinheiro num

canto da calçada. Compramos então várias iguarias que sempre sonhávamos em comer e ainda sobrou, levando para nossos irmãos.

Mesmo passando por grandes dificuldades, havia alegria de viver no meu coração. Eu vivia sempre cantando e amava meus pais e irmãos. Deus havia colocado em mim um senso de responsabilidade pela minha família e, mesmo sem conhecer o Senhor, Ele me conhecia, me confortava a fim de que eu pudesse viver.

¹ Os Salgados ou Salgadinhos são iguarias do dia a dia na cultura brasileira, geralmente fritos ou assados. Os mais populares são as coxinhas, pastéis, esfihas e empadas, e em Portugal, o tradicional bolinho de bacalhau.

Capítulo 2

Sobrevivendo pela graça divina

Consegui o meu primeiro trabalho aos onze anos, em um restaurante da cidade. Para mim foi uma grande conquista, pois eu tinha vergonha de vender salgados na rua pelas críticas e perseguições dos alunos da escola. Comecei entregando marmitas e lavando pratos. Na parte da manhã ia para a escola e entrava no serviço às onze horas.

Meus patrões eram uma família de italianos que imigrou para o Brasil investindo suas economias naquele restaurante. Minha mãe limpava a residência deles e, através desse conhecimento, consegui o emprego. Eles foram como pais para mim e para meus irmãos. Todos os dias, após o trabalho, levava sobras de comida dos clientes e da cozinha para casa, ajudando no nosso orçamento e na nutrição de nossos corpos muito debilitados. Eu falava muito e gostava de cantar dentro da cozinha e o Senhor me deu graça aos olhos dos

cozinheiros que sempre me alimentavam bem e eram pacientes comigo.

Aos quatorze anos, deixei o restaurante e fui trabalhar em uma cantina italiana da cidade onde conheci um cozinheiro negro, alto, de boa aparência e temido por sua reputação criminosa, pois já havia se envolvido em sérios problemas com a polícia. Um belo dia, esse indivíduo chegou na cozinha pela manhã, com um sorriso que jamais tinha visto no seu rosto, cantando uma canção falando de Deus, em sua letra. Curioso, perguntei-lhe o que tinha acontecido e ouvi dele as seguintes palavras: “O Senhor transformou a minha vida”. Aquele homem antes praticante de magia negra, endividado com a justiça, depois de aceitar um convite para assistir a um culto numa igreja evangélica da cidade, havia se convertido ao evangelho. Passou a levar sua Bíblia para o trabalho e no horário de descanso fazia seu devocional.

Naqueles dias, havia chegado um missionário na cidade, pastor Abimael Clemente. Dinâmico, em poucos meses, já havia conseguido um espaço na rádio, e sua igreja se tornara bem conhecida. A região era

assolada por um jugo religioso muito grande e a maioria do povo vivia um sincretismo religioso, dizendo-se católicos, mas envolvidos com toda forma de ocultismo. O jovem cozinheiro era uma destas pessoas. Fiquei tão impressionado com a conversão e transformação do Dário, este era seu nome, que curiosamente pedi sua Bíblia emprestada para que eu pudesse fazer uma rápida leitura.

Quando abri as páginas daquele livro e li as primeiras palavras, senti algo queimar dentro do meu coração. Uma alegria inexplicável tomou conta de mim! Não consegui devolver-lhe a Bíblia. Levei-a para casa, e ali comecei a ter as maiores experiências de minha vida com o verdadeiro Deus. Tudo o que conhecia até então eram os ídolos da minha mãe. Minha família não sabia deste meu interesse pelas Escrituras, pois eu tinha receio de contar para eles. Ficava lendo durante horas sem querer parar, e depois saía para o quintal de minha casa e ficava ali olhando as estrelas e falando com o Deus da Bíblia por longas horas. Andava pelas ruas chorando de alegria e sentindo um fogo queimando minhas entranhas. Não tinha sapatos para meus pés, não tinha uma roupa

nova, nem dinheiro para levar para a escola, mas nada daquilo me fazia falta. Deus andava comigo.

Um dia, lendo a história de Moisés, como ele havia libertado o povo do Egito, os milagres que Deus realizara através de sua vida, suas grandes experiências no Sinai, coincidentemente, naquela mesma semana, um dos cinemas da cidade exibia o filme Os Dez Mandamentos logo, consegui dinheiro para a entrada e fui assistir o longa-metragem. Quando saí dali, meu desejo de ser como Moisés aumentou centenas de vezes.

Dias depois, ao sair de casa, caminhando pelos trilhos da via férrea existente no bairro, olhando para os céus, estes negros por uma tempestade que se aproximava, eu disse para o Senhor: “Eu quero ser usado por ti, e te servir como Moisés, porque te amo.” Nunca tinha passado por um discipulado, nem tinha ido a uma igreja fundamentada nos escritos bíblicos do Novo Testamento, já que para minha mãe a palavra “crente ou protestante” era o mesmo que “herege”, contudo Deus despertava em mim um grande desejo de servi-lo.

Durante vários meses, sentia cada vez mais

a presença do Senhor em minha vida. Antes eu tinha muito medo de caminhar à noite. A pouca iluminação das ruas, os rumores de crimes e assaltos no bairro, deixavam-me intimidado, porém, depois de viver a experiência de sentir a viva presença do Senhor, procurava os locais mais escuros para andar, só para contemplar os céus estrelados e adorar o Criador. A alegria que eu sentia era tão grande que, às vezes, tinha de sentar para conter aquela graça dominante em meu ser. Era como os rios de águas vivas que Jesus mencionou nas Escrituras fluindo abundantemente, dentro de mim. ¹ Eu orava e adorava a Deus em todo o tempo.

O Senhor me encheu de sabedoria no meu trabalho e rapidamente, fui promovido a cozinheiro. Aos dezesseis anos, fiz um curso de gerenciamento e supervisão de restaurante sendo promovido a chefe de cozinha vivendo um momento maravilhoso com Deus e na vida secular. O meu amigo Dário vivia também, cheio da graça de Deus e me lembro de um dia chamá-lo para pregar nas ruas da cidade, convite recusado por ele temendo represálias contra nós. Continuei trabalhando e

estudando. A essa altura, o meu pai já não nos batia como antes, tornando mais fáceis à convivência em minha casa. Finalmente, terminei o ginásio, mas não pude continuar meus estudos.

No mesmo trabalho onde conheci alguém que dera uma Bíblia, conheci também um grupo de jovens que me introduziu a um mundo desconhecido por mim. Dário havia deixado o restaurante para trabalhar numa indústria e eu agora, estava sozinho com minha fé. Pela falta de contato com outros cristãos, tornei-me uma presa fácil para o inimigo e aquele grupo de jovens, levou-me a frequentar as casas de prostituições, clubes da cidade e, desse modo fui me distanciando do Senhor.

Passei a beber nos finais de semana, experimentei maconha algumas vezes, tendo uma vida totalmente diferente daquela que vivia anteriormente. Meus irmãos mais novos haviam crescido e alguns já trabalhavam. Mamãe agora só cuidava da casa, o que era uma grande tarefa. As finanças não eram mais somente de minha responsabilidade, pela colaboração dos salários dos meus irmãos.

Tudo o que eu queria, naquele momento, era me vestir bem, sonhar em ter um carro ou uma moto, uma namorada bonita que dançasse bem, mas era extremamente tímido para com as jovens; falava muito, mas dentro de mim havia insegurança e baixa autoestima. Nos finais de semana, bebia para superar minha timidez e medo podendo assim me comunicar com as garotas.

Certo dia, voltei para casa às cinco da manhã, muito bêbado, era um sábado, lembro-me bem e um trem da Estrada de Ferro Central do Brasil, naquela hora estava parado impedindo minha travessia. Decidi pular entre os vagões para agilizar minha chegada e para minha surpresa, ao pisar no engate o trem começou a movimentar e me vi debaixo das rodas de aço. Não sei explicar, mas alguns segundos depois, me achei dentro de um pequeno rego de cimento, feito para reter as águas das chuvas, com meu relógio quebrado, braços e pernas cheios de graxa e completamente atordoado. Quando cheguei em casa, mamãe tomou o maior susto ao me ver. Dias depois, contei a façanha aos amigos, de como “eu” havia me safado de ter morrido

debaixo do trem.

Anos mais tarde, como membro de uma liderança evangélica em Toronto, tive um momento de revolta com o Senhor por alguns problemas que estava enfrentando no ministério e fui deitar dizendo que Ele não se importava comigo. Após algumas horas de sono, ouvi uma voz suave me dizendo: “Você se lembra do trem das cinco da manhã?” Fiquei assustado com aquela voz trazendo, á minha memória, um acontecimento de quase vinte anos atrás; entendi então que não fora “eu” que saíra debaixo daquelas rodas de ferro, mas sim o Senhor que enviara um anjo para salvar um rebelde e bêbado da morte. A Bíblia diz que Deus nos amou quando ainda éramos pecadores. ²

Irresponsabilidade e fuga familiar

Uns dois anos depois, ainda naquela vida de embalos, voltei para a escola afim de terminar o colegial e lá conheci uma jovem que se tornou minha primeira namorada. Seus pais eram agricultores e ela morava e trabalhava na cidade. Nesse relacionamento engravidei a e

ela veio morar em minha casa. Eu tinha dezenove anos, possuindo apenas um terreno que havia comprado no ano anterior. Aconselhado por minha mãe a casar-me para não deixar a criança desamparada, três meses depois, estava casado.

No mês de junho de 1980, minha filha Michelle nasceu. Tinha olhos azuis e era linda como uma boneca. Minha família se alegrou como nunca com a primeira neta e sobrinha, mas com o passar do tempo, eu e minha esposa passamos a viver um clima de hostilidade. Nosso relacionamento foi piorando a cada dia. Mesmo com o baixo salário que ganhava, iniciei a construção da casa, para ver se as coisas melhoravam. Contratei um pedreiro e trabalhava de dia como ajudante dele e à noite, no restaurante e fui construindo a casa, de acordo com minhas condições. Logo depois, consegui outro emprego numa fábrica como líder do refeitório, quando meu salário triplicou.

Nesse período, minha esposa engravidou novamente, nascendo Rodrigo na nova casa. Ele era bem esperto e foi para mim uma grande alegria a chegada de um filho homem.

Nasceu com quase cinco quilos e, novamente, toda a família se alegrou.

Alguns meses depois, veio outra gravidez, mas, infelizmente, nem a casa, nem a chegada de Danielle resolveram nossos problemas. O nosso relacionamento se deteriorava e a situação se agravava dia a dia. A pequena Danielle era meiga e dócil, como Michelle e Rodrigo. Tentávamos de tudo para ver se as coisas melhoravam, entre nós, o casal, mas nada funcionava.

Tornei-me rebelde para com Deus e, igual ao filho pródigo, eu vivia dissolutamente. Como na parábola, a fome espiritual se iniciava em minha vida, fazendo me sentir um enorme vazio no coração; não tinha alegria e não encontrava paz em nada que fazia. Resolvi voltar a estudar, matriculando-me num curso de química e, naquela escola, o meu coração se afastava cada vez mais da minha família, nascendo dentro da minha alma um desejo imenso de fugir da responsabilidade para com a família, o que me levava a sair com meus professores em busca de aventuras amorosas. A maldição familiar desde meu avô e passando pelo meu pai, chegava até mim.

Danielle havia chegado num momento muito difícil. Minha casa era palco de brigas constantes e meus três filhos exigiam minha presença, e eu cada vez mais me afastando deles. Em 1986, decidi deixar meu lar, divorciando-me e voltando para a casa de minha mãe. Vivia frustrado, deprimido quase sem motivação pela vida.

Por outro lado, eu era muito querido na fábrica onde trabalhava. Tinha resolvido os problemas do refeitório que, na época, servia quase duas mil refeições por dia e, isso, me dava uma pequena dose de realização pessoal. Era o que me alimentava e trazia esperança para minha solidão. Recebia constantes elogios dos gerentes e dos funcionários da fábrica pelo funcionamento e a qualidade das refeições e o baixo custo da alimentação gerando grandes benefícios para os cofres da empresa.

Do Brasil para o Canadá

Finalmente, em junho de 1988, deixei o país e parti para o Canadá, onde programava ficar por uns dias e, depois ir ter com meu primo Amarildo, que morava nos Estados

Unidos. Depois de uns dias nas cidades de Toronto e Québec, parti para Boston com um jovem, enviado pelo meu primo, ficando retido pela Imigração Americana, ao atravessarmos a fronteira do Estado de Maine. Enquanto aguardava a possibilidade de permanência nos Estados Unidos, fiquei detido por dez dias, em uma cadeia na cidade de Bangor. Comecei a sentir dentro de mim, ali naquele lugar, que estava sendo confrontado por meus erros, pecados, e rebeldia, ficando cheio de temor e sem saber qual seria o meu futuro. Eu, que saíra do Brasil com certo status e uma posição privilegiada onde trabalhava, agora me encontrava sozinho, preso num país estranho e sem saber o que me aguardava.

Angustiado, comecei a clamar ao Deus da minha infância e Ele parecendo não mais me ouvir. Não sentia mais sua presença como antes. Minha vida de pecado criara em meu coração uma parede me separando do Senhor. Orava intensamente, mas parecia não haver resposta.

Por não falar inglês a Imigração Americana teve que conseguir um intérprete para mim e foi um problema porque naquele estado não

havia muitos imigrantes; Por providência divina, o advogado providenciado pela imigração tinha um irmão que residira no Brasil por nove anos, como missionário da Igreja Batista.

Após três dias sem falar com ninguém, recebi a visita do Pastor Ross Hosdon vindo ao meu encontro com um largo sorriso dizendo-me com sotaque de gringo: “Olá, meu amigo brasileiro!” Deus enviara aquele servo para me mandar de volta ao Canadá, encorajando me permanecer nesse país porque os planos de Deus para minha vida, não eram nos Estados Unidos. Eu abandonara o Senhor, mas ele me buscava a todo o momento.

Chegando a Toronto, conheci uma família de brasileiros, dona de um restaurante a procura de um chefe de cozinha com especialidade em comida brasileira. Fui recebido, ali como o “salvador da pátria”.

Um mês depois, conheci Gina, uma jovem de São Paulo. Ela havia saído do Brasil em busca de uma vida melhor e trabalhava de garçõete neste mesmo restaurante. Gina foi bem corajosa, deixou um bom emprego no Brasil, para aventurar-se na América, sem

nunca haver trabalhado em restaurante em toda a sua vida, mas com uma dinâmica e inteligência de invejar a qualquer um, em poucos dias, ela quase gerenciava o restaurante ao cuidar da parte administrativa, sua área profissional. A família de Gina era completamente o oposto da minha. Seu pai era filho de japoneses e sua mãe brasileira. Gina algumas vezes frequentou o espiritismo praticado por alguns membros de sua família.

Por alguma razão me sentia atraído por aquela pequenina mestiça, sem saber dos planos de Deus para nós. Passado alguns dias, resolvemos iniciar um namoro e ganhei uma grande amiga, além de namorada estando sempre ao meu lado. Eu morava com uns brasileiros e ela com outra jovem colega, também brasileira. Algumas vezes tentava lhe falar sobre Deus, mas ela sempre desviava o assunto, deixando a entender estar bem com seu estilo de vida.

Hoje, quando olho para Gina, que se tornou minha segunda esposa e companheira, vejo a realização dos planos divinos cumpridos em nossas vidas. Não me esqueço de quantas vezes depois de sua conversão, Deus a usou

para me abençoar no meu ministério. Ela nunca foi uma mulher de exigir nada, ao contrário, estava sempre disposta a servir e sempre muito dedicada às coisas do Senhor. Fez o seminário, graduando-se em Teologia e servindo a Deus e tudo o que era necessário na igreja. Mas acima de tudo, ela era uma mulher de muita fé.

Um dia, dirigindo um velho Dodge que tínhamos, a uns dois quilômetros de casa ele parou completamente; nada funcionava. Após várias tentativas na ignição sem resultados, resolvi ir a pé até o lugar onde morávamos, para buscar ajuda e ao caminhar uns trezentos metros, ouvi o som de uma buzina; era Gina dirigindo o automóvel. Surpreso, lhe perguntei: “O que aconteceu, como o carro pegou?” Com um sorriso, ela me respondeu, “eu orei ao Senhor e ele me ouviu.” O mais interessante é que, no outro dia, o veículo estava parado novamente e ao chegar o mecânico, este nos confirmou que a bateria estava completamente seca e somente um milagre poderia ter feito o automóvel chegar até a garagem. E foi mesmo! Este é um exemplo entre dezenas de outros que

testemunhei através da vida de Gina.

Notas:

¹- *“Quem crer em mim como diz as escrituras do seu interior fluirão rios de águas vivas.” João 7:38*

²- *Romanos 5: 8; I João 4: 10*

Capítulo 3

O conhecimento da minha missão

Em 1989, o Canadá abriu uma oportunidade para refugiados adquirir o status de imigrante. Todos deveriam deixar o país e depois retornar. Decidi ir para Portugal sozinho, receber este visto e me casar, quando retornasse. Nessa época, eu me mantinha afastado dos compatriotas brasileiros residentes em Toronto e havia deixado o emprego no restaurante brasileiro para trabalhar num restaurante italiano. Neste novo serviço, pedi um prazo aos meus patrões que também me concederam uma carta com oferta de trabalho e, assim, fui para Portugal.

Chegando a Lisboa, fiquei num apartamento com seis brasileiros. Alguns já estavam lá por meses aguardando o visto, sem trabalho, sem dinheiro, bem debilitados fisicamente e o ambiente era desolador. Um fumava maconha num canto da sala, outro tinha uma garrafa de aguardente que repartia com os demais e uma tristeza inundou meu

coração. Tinha muito medo de não conseguir o visto de imigração para regressar ao Canadá e, por ironia, eu, que tinha me escondido dos brasileiros, agora morava com seis deles, dormindo no mesmo apartamento. Resolvi fazer então uma reunião com todos eles me propondo a fornecer alimentação e meus dotes culinários. No primeiro dia, fiz uma panela de feijão e miúdos de porco e quase os matei, depois desse jantar, devido a grande fraqueza que estavam.

Comecei a perceber neles a falta de senso de grupo, em egoísmo extremo a ponto de terminar de cozinhar, chama-los para fazerem seus pratos e, ao chegar a minha vez, a panela estar vazia. Tive de ensiná-los a repartir a fim de que todos nós pudéssemos comer. Eliminei as bebidas alcoólicas da lista de compras, o que era anormal para eles, investindo meu dinheiro somente em alimentos. À noite, sentávamos na sala e eles ficavam contando suas histórias uns para os outros, mentiam em demasia. Eu sempre saía antes de terminarem seus casos e ia para a praia, mas cinco minutos após, olhava para trás e lá estavam eles, tentava esconder-me não tinha jeito, eles me achavam.

De repente, toda aquela aversão que eu

tinha pelos meus compatriotas no Canadá, passou a mudar. Olhava-os com um olhar diferente. Comecei a amá-los, não entendendo o porquê. Um dia, saí sozinho para a praia e comecei a pensar em cada um deles. Lá, no fundo do meu coração, ouvia uma voz a me dizer: “Eles são como ovelhas sem pastor.” Pensei estar com alucinações. Alguns minutos depois, novamente: “Eles são como ovelhas que não tem pastor”.

Compreendi que aquela voz vinha de Deus mostrando seu grande amor para com todos independentemente da cor, nacionalidade, cultura ou idade. Senti o amor divino se apoderando de mim e tive o entendimento que algo sobrenatural acontecia. Hoje tenho a clara compreensão do início de um treinamento de Deus na minha vida. Na maioria das vezes, nós não entendemos as situações vividas no passado, até que amadureçamos em nossa caminhada cristã. Talvez, na sua própria vida, Deus está treinando você para enfrentar os desafios de sua missão futura.

Vejo na bíblia um exemplo desta verdade, no episódio ocorrido na vida de Davi, quando fugia da presença de Saul. Deus havia escolhido um novo rei para Israel, devido à

desobediência do rei Saul, contra o Senhor. Enquanto pastor de ovelhas no campo, o jovem Davi tinha uma vida tranquila, exceto quando corajosamente manejava sua funda na defesa do rebanho atacado por feras. Porém ao ser ungido rei a mandado do Senhor, através do profeta Samuel¹, passou a enfrentar grandes problemas na vida e, o maior deles foi a perseguição de Saul que por inveja doentia queria a qualquer preço matar Davi. Dias terríveis de fuga, se escondendo do monarca o jovem rei pastor desorientado, sem saber o que o aguardava e, sem alternativa, refugiou-se numa caverna, na tentativa de livrar-se da fúria de seu perseguidor.

Logicamente, no meio de uma situação como essa, qualquer cristão pediria socorro ao Senhor. Davi pediu, e sabe o que Deus enviou até ele? Diz a Bíblia: “Davi retirou-se dali, e se refugiou na caverna de Adulão... Ajuntaram-se a ele todos os homens que se achavam endividados, e todos os amargurados de espírito, e ele se fez chefe deles; e eram com ele uns quatrocentos homens”.²

Imaginem a situação do pobre fugitivo! O governo do país querendo sua cabeça; ele e a família sem bens incluindo a própria

cidadania. Enfim, uma avalanche de problemas e como resposta às suas orações por socorro, Deus lhe envia quatrocentos problemas a mais. Provavelmente, para ele algo inexplicável e infundado. Contudo, sem seu conhecimento Deus o treinava para governar seu povo.

Quantos problemáticos Deus tem enviado até você para treiná-lo?

Pacto com Deus e retorno ao Canadá

Na noite seguinte, voltei à praia, olhei para o mar e disse ao Senhor: “Meu Deus, eu sou aquele jovem que queria ser como Moisés. Se o Senhor me mandar de volta para o Canadá, vou te servir por toda a minha vida.” Voltei para o apartamento, pois, no dia seguinte, teria a primeira de várias entrevistas seguindo o protocolo consular. Para surpresa de todos os meus colegas de apartamento, aquela foi minha única entrevista e em vinte e três dias Deus me entregou o status de imigrante canadense.

De volta a Toronto, procurei minha companheira dizendo: “Gina eu te amo muito e gostaria de me casar com você, mas só o farei

se você servir o Deus que conheci na minha infância. Entreguei minha vida a Ele em Portugal e vou procurar uma igreja de crentes para frequentar”. Surpreendentemente, ela não se opôs e, casamos naquela mesma semana.

Mudamos para um novo apartamento, do outro lado da rua e quase em frente, havia uma Igreja Presbiteriana de língua portuguesa. Fomos ao culto, gostamos e frequentamos ali por um ano. Nessa época, eu estava trabalhando para uns italianos e Gina trabalhava em uma fábrica e nosso contato com a igreja era só aos domingos. Pensava, assim, estar cumprindo o meu acordo com Deus.

Um ano depois, um missionário brasileiro iniciou um Seminário em Toronto e nós dois passamos a frequentar a escola periodicamente conversando com esse pastor, revelei-lhe o meu passado e que carregava dentro de mim uma grande culpa pelo meu primeiro casamento. Aliviou me ouvir dele que isso não me impedia de servir a Deus e, a partir dali, passamos a servir ao Senhor nesta nova igreja, em menos de um ano, fui designado para o serviço diaconal; meses depois reconhecido como evangelista.

Havia dentro de mim um desejo imenso de conhecer a Palavra do Senhor. Convidava a todos os meus amigos para a igreja, inclusive aqueles brasileiros que conheci em Portugal. Destes, Jorge foi o que mais alegrou o meu coração. Ele veio à igreja, trouxe a esposa, o filho e nunca mais a família deixou o Senhor. Quando conheci o Jorge em Lisboa, ele estava magro, sempre bebendo e contando histórias que ninguém acreditava. Sua vinda para a igreja, tornando-se um servo do Senhor Jesus, passou a servir a comunidade também, com sua habilidade de eletricista, profissão que exercia. Se havia um problema elétrico, todos sabiam a quem chamar, o irmão Jorge. Sua esposa era uma dedicada serva de Deus, fez a escola bíblica na igreja vindo a e ser ordenada missionária.

Minha esposa e eu, enquanto isso nos dedicávamos cada vez mais aos estudos e a servir o Senhor. As pessoas da congregação tinham uma grande estima por nós e, naqueles dias, já dedicávamos grande parte do nosso tempo ao ministério.

Andando no vale da sombra da morte

Até aqui, eu estava muito bem fisicamente. Treinava todos os dias pela manhã na ACM (Associação Cristã de Moços), e não havia nenhum sinal de doença. Em 1992, comecei a sentir fortes dores na minha perna. Essas dores aumentaram a ponto de eu não mais poder andar. Depois de uma consulta com meu médico de família, fui encaminhado ao hospital para ser examinado na tentativa de descobrir o problema.

Para surpresa dos médicos, minha também, descobriram por meio de uma venografia, coágulos bloqueando as veias da perna esquerda, sendo diagnosticado com trombose. Internado por dez dias, saí do hospital, e as dores continuaram. Sem trabalhar, nem sair de casa, tampouco Gina podia estar comigo, em função do seu trabalho, fiquei sem andar, em razão das dores que aumentavam assustadoramente.

Retornei ao hospital duas semanas depois, devido ao agravamento do meu estado. Novamente, diagnosticaram outro trombo estendendo-se por toda a parte superior da perna esquerda. Internado mais quinze dias na

Unidade de Terapia Intensiva fui informado, dessa vez da necessidade de ingestão de anticoagulante por prazo indeterminado e uso de meia de compressão a fim de poder trabalhar. Consequentemente, as coisas se tornaram muito difíceis para mim. Nessa luta, fazia muitas perguntas a Deus sobre por que Ele permitir a deterioração da minha saúde. Porém, nunca desisti de servi-lo. Continuava fazendo evangelismo e trabalhando na igreja.

Um ano depois, decidimos passar férias no Brasil; o ano anterior fora cheio de lutas, causadas por minha enfermidade e achamos nos fazer bem ver os familiares. De férias, no segundo dia no Brasil, momentos antes de sair da casa de meus pais para fazer um câmbio, senti uma forte dor no peito e aumentava a ponto de não ter força para respirar, sentindo meu corpo perdendo os movimentos e a morte batendo à porta. Sentia também, desde a planta dos pés até à cabeça, uma sensação de dormência, como se meu sangue não circulasse.

Levaram-me ao hospital da cidade e o diagnóstico era de um enfarto potencial. Os cardiologistas me deram poucas chances de vida, pois, o sangue havia coagulado e

entupido artérias coronárias e só um milagre poderia me salvar. Não tínhamos dinheiro para pagar a cirurgia e o hospital negava o atendimento. Uma das enfermeiras disse à minha esposa: “Se quer que ele viva, arrume o dinheiro ou, dentro de poucas horas, estará morto”.

A partir dali iniciava-se mais uma das minhas lutas por sobrevivência. Já estava acostumando com este tipo de problema. Espancamentos, agressões emocionais, tuberculose, trombose e, agora, um infarto. Busquei ao Senhor com todas as minhas forças e clamando disse: “Senhor, eu sou aquele que te falou na adolescência, te buscou em Portugal, e agora clamo a ti novamente. Deixe-me viver e desta vez vou me entregar totalmente a ti”.

Depois desta oração a empresa da minha esposa no Canadá se prontificou a pagar todas as despesas médicas. Deus começava a operar de forma espantosa. Os médicos descobriram que não podiam desobstruir o coágulo. A situação era gravíssima e a equipe médica não sabia como tratar do meu problema. O sangue não parava de formar coágulos e mesmo sob o efeito de heparina (medicação anticoagulante),

eles não conseguiam conter a descontrolada coagulação sanguínea. Na ocasião do primeiro trombo na perna, no ano anterior, os médicos canadenses tentaram desobstruir as veias com uma droga chamada streptokinase, entretanto não obtiveram resultado positivo e a equipe médica no Brasil tentaria o mesmo.

Sem nenhuma esperança por parte dos cirurgiões, tive mais uma lição como seguidor de Jesus Cristo. Dependia de outro milagre para viver. Minha situação naquele momento era desesperadora, ninguém podia fazer nada por mim e se Ele não fizesse alguma coisa, fatalmente morreria.

Após três dias de espera, sem nenhuma esperança de vida, eles decidiram fazer um segundo cateterismo, para saber qual seria o próximo passo a ser dado. Fariam uma angioplastia na tentativa de um desbloqueamento arterial.

Quando injetaram o cateter para o procedimento cirúrgico, a equipe médica deu um brado. Para surpresa de todos, a artéria havia sido desobstruída sobrenaturalmente e o coágulo desaparecido e eu vivo com todas as funções cardiológicas normais. Foi uma grande festa, pois os médicos, poucas horas antes,

havam dito à minha família que minhas chances eram mínimas e, caso eu vivesse, perderia 60% das funções cardíacas.

Notas:

¹ - *I Samuel 16:32*

² - *I Samuel 22:2*

Capítulo 4

Aprendendo a viver sob os cuidados de Deus

Regressando ao Canadá, depois dos problemas de saúde em férias no Brasil, passei a servir em tempo integral na igreja. Desde a faxina no templo aos trabalhos eclesiais, entre eles, discipulados para novos membros, reuniões no templo e visitas; fazia tudo alegremente, por estar servindo ao Senhor. A igreja não podia ajudar-me financeiramente, mas minha esposa nos matinha com seu trabalho durante aquele ano.

Ao mesmo tempo em que dedicava ao ministério integralmente, aprimorava meus conhecimentos teológicos no “Ontario Bible College” e, após conclusão de algumas matérias, dirigi-me ao “Canada Christian College” para viabilizar o processo de ordenação, naquela instituição. Ali, fui entrevistado e oficialmente separado para o ministério – No Canadá são necessárias credenciais oficialmente reconhecidas para

realização de casamentos.

Na ocasião, fui informado, pelo secretário da instituição sobre uma taxa de \$100.00 dólares que deveria pagar referente ao processo de ordenação, mas ele parecia ter ciência da minha situação financeira, até, então, nada boa e, antes de me retirar, disse-me: “Você pode pagar em cinco vezes”, fiquei surpreso com a oferta e o agradeci.

Naquela semana Robert, um cristão canadense, veio até mim e falou: “tive um sonho com você e o Senhor me mandou te entregar isto” colocando um envelope em meu bolso com um cheque de \$100.00 dólares. Comecei a aprender o significado de servir a Jesus e a entender o que Ele quis dizer quando proferiu as palavras: “Não andeis ansiosos de coisa alguma, mas buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas”.¹

Em uma noite de quinta-feira, estava como porteiro na igreja, durante o culto porque nosso templo ficava numa área onde a presença de viciados era grande necessitando de uma constante vigilância na porta de entrada, para evitar roubos dos pertences dos membros. Naquela noite, ao fazer um

movimento com os dedos dos pés, percebi as linhas da costura do meu sapato terem-se rompido. Em pensamentos disse comigo mesmo: “preciso ser cuidadoso ao movimentar meus dedos, a fim de que ninguém veja esta ruptura”. Quando levantava os dedos dos pés, o orifício se tapava, mas ao andar normalmente, ele abria. Decidi ser necessário caminhar com os dedos dos pés forçando a parte superior do sapato, pois, assim ninguém notaria o problema.

Ao término do culto, Darci, um dos diáconos, chamou-me ao lado, com uma sacola nas mãos, dizendo: “Encontrei esta sacola no meu trabalho hoje de manhã e ouvi claramente uma voz mandando eu te entrega-la”. Quando abri, havia três pares de sapatos novos, de cores diferentes e um deles, era preto, da mesma marca, tamanho e modelo do sapato que havia furado. Deus, na sua graça e longanimidade, tentava mostrar o quanto me amava, independentemente, dos meus erros passados.

Comecei, naquele tempo, a buscar o poder de Deus para minha vida. Lia a Bíblia, mas não via nas igrejas os milagres registrados ali. Lembro-me de pedir ao Senhor uma

experiência na área de libertação por não haver presenciado manifestações demoníacas na igreja onde era membro, e isso me preocupava e pensava comigo, “o que mais Jesus fez durante seu ministério foi expulsar demônios e libertar pessoas e, aqui, tal não ocorre. Com certeza, os demônios estão agindo, mas falta alguma coisa para eles manifestarem.” Naquela mesma semana, saí com o Carlos e o Sergio, dois membros do ministério para uma visita e, ao término, fomos orar pelo jovem que para nossa surpresa, caiu possesso por demônios aos nossos pés. Devido nossa inexperiência, foi delonga a luta contra os espíritos malignos e uma hora depois o jovem ficou liberto através do nome de Jesus. O Senhor me mostrou o seu poder sobre as trevas, como descritos nos evangelhos. ²

Continuava insatisfeito ainda, porque nos evangelhos, Jesus curava e eu queria ver isso. Uma experiência através do poder de Deus de cura. Em nossas visitas, levava sempre óleo escondido no bolso, na esperança de orar por algum enfermo que aparecesse no meu caminho. Ironicamente, o Senhor fez algo bem interessante. Devido ao meu passado de doenças, havia contraído uma esofagite,

diagnosticada meses antes de deixar o Brasil, através de uma endoscopia, sendo sugerida pelos médicos uma cirurgia, a fim de recuperar a válvula comprometida. A partir daí, tive de excluir da minha alimentação as frituras, frutas cítricas, refrigerantes, café e os alimentos cozidos foram obrigatórios, nessa nova dieta alimentar e não deixava de trazer sempre comigo antiácidos. Não dormia uma noite sem levantar e ingerir leite gelado ou uma pastilha para amenizar as queimações no esôfago.

Um dia, depois de distribuir folhetos pelas lavanderias da região, entrei num “MacDonald” e pedi um sanduíche, daqueles próprios da franquia, contendo tudo que me era proibido e mais, acompanhado de refrigerante bem gelado e batatas fritas. Não demorou muito para a dor e a queimação no esôfago, aparecerem. Já era noite e, pouco antes de deitar-me, li no evangelho de Marcos, a história da cura de Bartimeu, o cego³ que recebera do Senhor Jesus a visão tão desejada e por ele suplicada. Deitado, as dores não permitiam conciliar o sono; procurei então, debaixo do meu travesseiro, esperando encontrar o comprimido, mas não estava lá.

Resolvi chamar por minha esposa, porque a dor estava insuportável e, me preparando para chamá-la, ouvi uma voz dizendo assim: “Por que você não faz como o cego Bartimeu e chama por mim?” Pensei por uns segundos e sussurrando, para não acordar a companheira, comecei a repetir as palavras do cego: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!” Ao começar a falar, a dor tomou proporções intoleráveis e, sem muita convicção da possibilidade de um milagre, resolvi gritar pelo socorro de minha esposa. Antes mesmo de abrir minha boca, aquela voz outra vez me questionou: “Por que você não faz como o cego; não peça o socorro da sua esposa, mas clame por mim:” Novamente obedeci ao comando da voz, gritando bem alto: “JESUS, FILHO DE DAVI, TEM MISERICÓRDIA DE MIM!”.

Em segundos, algo estranho aconteceu no meu esôfago porque a dor desaparecera e eu fiquei ali, entre descrente e confuso e incrédulo a virar-me de um lado para o outro, buscando certeza para o que experimentara naquele momento, pois, as dores sumiram, num verdadeiro milagre. Pela primeira vez, em anos, dormi quase oito horas sem acordar.

No outro dia, ao levantar-me, fui à cozinha, preparei e bebi um café com leite, no trabalho fiz ovos fritos, bacon e batatas e comi, regressando para casa passei no açougue, comprei carne de porco para o jantar. Gina, ao chegar do serviço e ver os torresmos, perguntou se eu havia enlouquecido, para saborear aquele tipo de comida; respondi-lhe que aquilo era um teste final para provar mais uma vez a cura divina realizada em mim por causa da síndrome de “Tomé” que me perturbava. Fui curado milagrosamente por Jesus de Nazaré, o mesmo que curou o cego Bartimeu. Ele agora dava provas do seu amor, poder, graça e bondade mais uma vez, por mim, tentando me abraçar como abraçou o filho pródigo, porém, em meu íntimo, eu ainda resistia ao seu abraço.

As batalhas nas adversidades

Ordenado, fui chamado a iniciar uma igreja na cidade de Bramptom, quarenta quilômetros de Toronto. Em dois meses, já éramos umas quarenta pessoas, e o Senhor estava operando poderosamente, como até então, eu nunca pregara publicamente, tentei me esquivar de

todas as maneiras de ministrar a palavra no primeiro culto, um medo profundo tomou conta de mim, e decidi convidar uma missionária como pregadora da noite.

No segundo culto, não tive escolha. Preparei a mensagem, não dormi a noite inteira e, finalmente, o dirigente de louvor me chamou para entregar a Palavra do Senhor. Pedi a Deus misericórdia e, surpreendentemente, o Espírito Santo tomou conta do meu ser, e me vi pregando com alegria e sem nenhum temor. Quanto mais eu pregava, mais sentia alegria, por muito tempo, não sentida, invadindo-me. Ao fazer o apelo, as pessoas vieram e todos foram grandemente abençoados pela unção do Espírito Santo que enchia aquele lugar. Dois meses depois, tivemos de nos reunir nas dependências de uma igreja da cidade; o local em que reuníamos tornara pequeno para o número de pessoas frequentes às reuniões. Assim que conseguimos o novo lugar e marcamos o culto inaugural, o pastor, a quem eu devia obediência, informou-me a impossibilidade de exercer o ministério na nova igreja. Embora legalmente casado pela segunda vez com Gina e mesmo com minha situação civil legalmente

estabelecida, a liderança da denominação disse não aceitar eu ser divorciado, convidado a continuar apenas como membro da igreja e sem qualquer outra função dentro dela. Uma profunda tristeza inundou meu coração, não me permitindo entender a razão de ser considerado inadequado para a função pastoral, após servir por três anos seguidos àquela igreja e denominação. Sem chances de exercer ministério algum, desvinculei-me como membro e sai sem rumo e o que deveria fazer.

Muito triste e frustrado pelo amor dedicado ao meu líder e a congregação; os meus sentimentos agora, era de rejeição e abandono. Porém, no profundo da minha alma, aquela voz me dizia não serem as pessoas da congregação tirando-me dali, contudo, já era o Senhor. Sendo um cristão ainda imaturo, tive dificuldades em ouvir e compreender o Espírito Santo, deixando minhas emoções tomarem o lugar do Senhor. Voltei para casa totalmente abatido. Não tinha mais vontade de ir à igreja nenhuma e pensava em nunca mais me envolver no ministério.

Naqueles dias, o diabo atacou-me com toda sua fúria e sussurrava suas mentiras em minha

mente, infundia pensamentos negativos suggestionando não sonhar mais em servir ao Senhor, tudo não passara de ilusão, e “onde já se viu um homem divorciado exercer um ministério cristão?” Era aquela voz incessantemente a falar nos meus ouvidos, enchendo meu coração de um imenso sentimento de culpa, não conseguindo mais aceitar o perdão de Deus para mim. Pensava que, se havia sido rejeitado pelo ministério onde eu servira com tanta dedicação, acreditando ser uma igreja que pregava o evangelho logo, Jesus havia me rejeitado também. O que Jesus queria de um pecador como eu? Que prepotência a minha, desejar ser chamado de pastor! Será que eu não me enxergava? Havia nascido para trabalhar na cozinha de algum restaurante! E se o Senhor necessitasse de alguém para anunciar sua Palavra, jamais iria numa cozinha chamar um divorciado! Com certeza, iria escolher e buscar num seminário alguém com um melhor curriculum, quem sabe com doutorado teológico, e nunca uma pessoa insignificante como eu!

Dentro de mim havia a sensação de que o único pecado imperdoável era o divórcio e não

mais acreditava no meu chamado. Passava noites e noites acordado, ouvindo vozes de acusação do tentador: “Você não tem perdão. Você pecou contra seus filhos e sua família.” Inumeráveis vezes o diabo me citava a Bíblia, como fez com Jesus: “Pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?”⁴ “É necessário, portanto, que o bispo seja esposo de uma só mulher, governe bem sua casa criando os filhos com disciplina...”⁵ As citações bíblicas eram verdadeiras e, eu, cada vez mais, pensava em deixar tudo. Por outro lado, ouvia outra voz citando também, as Escrituras: “E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as cousas antigas já passaram; eis que tudo se fez novo.”⁶ “Se confessarmos os nossos pecados Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça”.⁷ “...e o sangue de Jesus, seu Filho nos purifica de todo pecado”. 1João 1:7b⁸. As palavras “tudo, toda e todo” tentavam achar lugar no meu coração. A voz repetidamente dizia: “te purifica Adauto, de todo pecado, toda injustiça”.

Comecei a aceitar e dar lugar a Palavra do Senhor permitindo sua verdade em minha vida entendendo que seu sangue derramado pagou

também pelos pecados cometidos contra minha ex-esposa e meus filhos. Ouvia inúmeras vezes as afirmações divinas sussurrando na minha alma, mas, o inimigo não se dava por vencido e, agora, ele vinha com uma nova tática, insistindo em acusar-me com a frase: “você pecou contra o Espírito Santo, e este pecado não tem perdão.”⁸ Na minha dor, fraqueza e inexperiência, não discerni que era a voz de Satanás novamente falando comigo e reagi com ignorância às mentiras diabólicas quando respondi àquela voz declarando: mesmo que fosse para o inferno pregaria o evangelho à milhares, levando-os para o céu, dessa forma, admiti para minha vida a acusação do diabo, dando-lhe liberdade para atormentar-me.

(Apêndice IV – Um perigo na igreja)

Deus levantou os profetas

Passado alguns meses, o Senhor me chamou para plantar uma segunda igreja, desta vez, em Toronto. Nos meus planos, pensava para iniciar tal igreja, serem necessários, no mínimo, \$2.000 dólares para o aluguel do local e alguns equipamentos. Como

não tinha o dinheiro, recorri a algumas pessoas conhecidas para pedir emprestado a soma, e iniciar o trabalho. Para minha surpresa, elas me trataram com descaso dizendo-me que pensariam no pedido e, posteriormente dariam uma resposta. Saí dali angustiado e triste, e no retorno para casa, uma voz me disse: “Por que você foi pedir dinheiro emprestado?” Era o Senhor me repreendendo e no mesmo instante pedi perdão a Deus por não ter confiado nele e, sim nos homens.

No dia seguinte passando em frente a uma igreja Batista, decidi parar e perguntar se teriam ali um espaço disponível. O pastor, muito atencioso, pediu que voltasse no outro dia. Ao retornar, na manhã seguinte, ouvi dele não somente ter uma área livre, mas, também, não receberia nenhum pagamento até o final do mês e, naquele dia, recebi telefonemas de algumas pessoas (diferentes das que procurei primeiramente) ofertando para a compra de instrumentos e todo mais necessário para o início da congregação.

Um ano se passou, éramos umas sessenta pessoas e também contávamos com o apoio de outros dois amigos de ministério, Gleen Renison e Bernard Stepheon que sempre

dispostos me ouviam, encorajavam-me, e vez em quando pregavam na igreja. Nessa mesma ocasião em que pastoreava, iniciei um jornal evangélico na cidade, como o objetivo de alcançar a comunidade portuguesa com o evangelho como também unir as denominações evangélicas locais. Igrejas da comunidade eram tremendamente indiferentes às outras, pastores não se falavam, faltava comunhão entre membros das diferentes denominações, gerando um clima de hostilidade dentro do próprio círculo cristão. O Senhor colocou em meu coração que propagasse, no periódico, os eventos de todas as igrejas evangélicas das várias cidades da região, tanto tradicionais como pentecostais. Criamos o espaço do pastor e, ali postávamos fotos e entrevistas dos respectivos líderes das diversas congregações com o propósito de honrá-los como homens de Deus.

Lembro-me da primeira edição do jornal. Foi uma grande surpresa para o meio evangélico, pois, numa das páginas estavam os dados de todas as igrejas com seus respectivos pastores, telefones e horários de cultos. Era algo inédito na província.

Depois de dois anos de muito trabalho

ministerial, estava sem forças para continuar, convidando então, Ron Morin, um pastor canadense que trabalhara com missões no Brasil para assumir a igreja em meu lugar.

Hoje, dou graças a Deus, porque nasceu uma nova igreja no coração da comunidade luso-brasileira de Toronto, contando com vários membros e crescendo a cada dia.

Durante o tempo de pastoreio desta igreja, frequentava uma reunião de pastores canadenses todas as quartas-feiras, na Igreja Vineyard de Toronto. Um avivamento começou ali e cultos eram realizados diariamente.

Em uma dessas reuniões; o Senhor levantou outro servo dele, Alan Wiseman, filho de missionários canadenses, viveu parte de sua infância na África do Sul e de regresso ao Canadá, concluiu seu curso teológico no Ontario Bible College, ingressando no ministério pastoral.

Esse extraordinário homem de Deus, recebeu por aqueles dias grande renovação espiritual e uma poderosa unção profética veio sobre sua vida derramada pelo Espírito Santo. Vindo orar por mim, certo dia, fez questão de se inteirar de toda a história de minha vida e, sempre paciente em me ouvir, direcionar,

passou a ser meu discipulador, tendo por desafio afirmar meu chamado ministerial. Nesse dia, uma amizade e companheirismo que havia nascido nas reuniões da igreja Vineyard, se consolidava e permanece até hoje.

Em viagem missionária que fizemos juntos à Espanha, o meu inseparável amigo recebeu do Espírito Santo a revelação do tormento existente em mim, desde o dia em que ouvi as acusações do diabo, permitindo desse modo, o assédio dele em minha mente.

Nesse instante, senti a graça libertadora de Jesus pela oração poderosa feita por Alan em meu favor, senti-me totalmente limpo e com a mente livre de toda acusação e perturbação.

Como estava sem uma igreja para pastorear, voltei ao meu antigo trabalho, mas continuando com o ministério evangelístico na cidade, objetivando apoiar as igrejas locais. Gina trabalhava em tempo integral e eu em meio período, e o resto do meu tempo, dedicava ao ministério do jornal, sendo responsável desde a editoração até a distribuição nos comércios da comunidade.

Dias após eu ter deixado a igreja que pastoreava, observei, na esquina da Bloor Street e Dufferin no centro da cidade, mais de

30 pessoas engravatadas e cada uma carregando pastas nas mãos, desembarcaram de um ônibus. Eram todos membros de uma seita que distorcem as doutrinas essenciais do Cristianismo⁹, prontos para irem bater à porta de centenas de residências, levando suas mensagens errôneas para os lares de pessoas que, provavelmente, acabariam algumas delas acreditando nas heresias da seita.

Parei, olhando a cena, e comecei a chorar dizendo para Deus: “Senhor, enquanto nós evangélicos hostilizamos uns aos outros, as seitas saem fazendo o que deveríamos fazer. Os lobos estão devorando tuas ovelhas perdidas, tem misericórdia, ó Deus, deste povo e desta cidade!”.

Fui trabalhar, e ao voltar para casa, não havia alegria em mim. Deitei e não conseguia dormir. Decidi levantar de madrugada e orar. A oração soava meio estranha e eu dizia: “Senhor, dá pelo menos uma chance para que todas as pessoas da comunidade possam ouvir o evangelho. Como este povo poderá ser julgado se não ouvir a verdade? Quem sabe se pudéssemos fazer algo na televisão?” Chorei mais um pouco e voltei para a cama, pensando na minha oração.

Na época, algumas igrejas na cidade se envolveram no projeto “Jesus de Nazaré” que visava entregar um filme com a história e explicação da vida, morte e ressurreição de Jesus em cada lar que o quisesse. Então, tive a ideia de pedir autorização do Campus Crusade for Christ para lançar na televisão, videoclipes do filme e fazer, no final um apelo para aceitarem o Senhor. No outro dia ao levantarmos, Gina contou-me um sonho que tivera de dois homens aparecerem para ela e um deles segurava um animal entre os braços e lhe dizer: “Diga ao Adauto que as portas estão abertas”.

Verdadeiramente o Senhor abriu as portas para o projeto evangelístico na TV. Consegui a autorização do ministério CCC que, gentilmente, cedeu oito minutos do filme para montamos então, os videoclipes. Conduzido, na mesma época, a um cristão, funcionário de uma grande rede de televisão, Tony Gentilucci, este fez o orçamento para o lançamento dos comerciais, ficando em \$13.000 dólares. Possuía, eu, apenas \$1.000, porém, fomos enviados, minha esposa e eu à casa de alguns cristãos conhecidos nossos, incumbidos de levantar o valor necessário.

Deus me dizia e eu sentia fortemente isso de pedir \$500.00 dólares a cada uma daquelas pessoas, que recebiam a visão do projeto com grande alegria e, em poucos dias, mais de 500 mil pessoas ouviam diariamente o evangelho pela televisão, mas nos faltavam ainda \$1.500 dólares para quitarmos a quantia total, e nessa hora entrou a providência divina. No dia anterior ao prazo para o pagamento, ouvimos a campainha de nossa casa tocando por volta das onze horas da noite, levantando-me para atender qual não foi minha surpresa ao receber Rubens, líder de louvor da igreja que pastorei em Toronto, ouvindo dele o seguinte relato: “fiz um voto a Deus de que se ficasse livre de pagar uma dívida injustamente requerida, doaria certa quantia para o projeto” e, naquele dia, Deus lhe havia dado a vitória e, muito feliz entregou-me um cheque de \$1.500 dólares. Glória a Deus, por sua providência!

Com parte do filme, foram produzidos sete comerciais com mensagens convidativas às pessoas para entregarem suas vidas ao Senhor Jesus e, no final deles, era mostrado o nome e o telefone das igrejas evangélicas portuguesas do sul do Ontário, das denominações existentes e algumas de ministérios

independentes. Durante quatro meses, no horário nobre da televisão, os comerciais eram exibidos continuamente.

Além da televisão, reiniciei novamente o trabalho jornalístico, passando a publicar dez mil exemplares com dezesseis páginas. Um ano depois, o jornal Colheita News era produzido em cores, com vinte páginas, trazendo assuntos seculares analisados no contexto profético bíblico, além de vários artigos evangelísticos. A distribuição dos exemplares era feita nos comércios e órgãos públicos das cidades (padarias, supermercados, bares, bancos, consulados, etc.), constando, os endereços de todas as igrejas luso-brasileiras da Província dando, assim, condições aos que aceitavam ao Senhor Jesus, de terem um lugar onde pudessem congregar. Com tiragem mensal, o jornal circulava em várias cidades. Através deste ministério, os cristãos da comunidade passaram a ter uma visão de reino, as igrejas começaram a crescer e os membros das diferentes denominações a se respeitarem porque o jornal era lido e compartilhado por todos, pois fazia menção de todas as igrejas, transformando num importante instrumento de evangelismo e

união entre os cristãos. E assim, durante dez anos publicamos o jornal no Canadá. O Senhor foi fiel à minha oração!

Notas:

¹ - Mateus 6: 33

² - Marcos 16:18 e Lucas 10:19

³ - Lucas 18: 35-43

⁴ - 1 Timóteo 3:5

⁵ - 1 Timóteo 3:2

⁶ - 1 Coríntios 5:17

⁷ - 1 João 1:9

⁸ - Mateus 12: 31-32

⁹ – Russelitas - Como todas as seitas, a organização das Testemunhas de Jeová distorcem as doutrinas essenciais do Cristianismo. Ela nega a divindade de Cristo, a ressurreição física e a salvação pela graça. Para sustentar as suas doutrinas errôneas, a organização Torre de Vigia (que é a autora e mentora de toda teologia oficial das TJ) vem alterando a Bíblia para fazer com que ela diga o que eles querem.

Capítulo 5

Restaurando o passado

Algo novo começava a surgir e a incomodar dentro de mim porque, constantemente, pensava nos meus filhos. Eu os via uma vez por ano, gozava da companhia deles por três ou quatro semanas, mas deixava-os demasiadamente tristes, quando retornava ao Canadá.

Numa dessas idas ao Brasil, tive a oportunidade de orar com Maria Helena (ex-esposa, se casara antes de converter-me a Cristo) e meus filhos Michelle, Rodrigo e Danielle, pedindo perdão por tudo que lhes causara. Fiz um estudo bíblico explicando-lhes o plano da salvação, na esperança de abrirem o coração para Jesus e o círculo de maldições que governava a família por gerações, viesse a ser neutralizado e as bênçãos do Senhor chegassem até nós. Dos três, Rodrigo, adolescente na época, era o que mais sofria com minha ausência e, por consequência desse sofrimento a rebeldia marcava seu comportamento, e, muitas vezes ouvi as queixas de sua mãe, por telefone.

Diante destes problemas, resolvi trazê-lo ao Canadá em passeio e ficarmos juntos um tempo; durante o período que passou conosco, Gina demonstrou-lhe carinho e, paciente encarregou-se de levar Rodrigo para esqui nas montanhas canadenses, demonstrando um grande amor para com ele. Essa atitude de minha esposa ajudou-o a superar, momentaneamente, suas indignações, pois era extremamente revoltado e estava constantemente de mau humor e, na medida do possível, falava do amor e da graça de Deus e orava com ele.

Num diálogo, antes do regresso dele ao Brasil, mostrei-lhe o quadro espiritual hereditário da família e as consequências que a acompanhava.

Enquanto eu falava, Rodrigo parecia distante e, não dava muita atenção ao que lhe dizia, mas aceitou minha oração, no sentido de quebrar o vínculo hereditário do anátema na vida dele. Em seguida, abençoei e consagrei-o ao Senhor. Porém, de volta ao Brasil, ele continuou com os mesmos problemas. Entreguei minhas preocupações para o Senhor e fiquei aguardando o milagre de salvação na vida de cada um dos meus filhos.

Nesse tempo, trabalhava meio-período, três vezes por semana no restaurante, e liderando o Ministério evangelístico. Um dia, enquanto trabalhava, Natália, uma garçonete brasileira, insistiu para eu conhecer dois brasileiros que almoçavam no restaurante. Após tanta insistência, resolvi ir até lá sendo apresentado ao Paulo e ao Manuel, homens de negócios. Batemos um papo, ofereci um jornal a cada um, e depois do meu horário de trabalho, levei-os em meu carro, até seus destinos.

Duas semanas depois, encontrei-me com Paulo, e vim, a saber, que era o pastor presidente do ministério do Evangelho Pleno no Brasil e estava no Canadá para iniciar uma igreja e um jornal evangélico na cidade. Ouvi o Senhor me dizer: “Dê a ele o Jornal e a nova igreja que começou” (havia iniciado uma congregação numa área com predominância caribenha no noroeste da cidade). Obedeci, e entreguei o ministério ao pastor Ventura.

Deus estava me ensinando a conhecer, servir e amar o povo português, da maneira como me ensinou a amar meus compatriotas brasileiros. Enquanto aguardava a direção do Senhor para a nova etapa ministerial, fomos convidados, eu e

Gina por um casal de uma igreja em Toronto, para termos uns dias de férias em Portugal, na ilha de São Miguel. Levei vários folhetos, Bíblias, meu violão e alguns hinários. No caminho, o inimigo me falou, através de uma pessoa que viajava conosco, dizendo: “Você não vai pregar o evangelho no lugar em que vamos ficar”. Senti um calafrio ao ouvir aquela voz, contudo calei-me, sem dar resposta alguma.

Em lá chegando, percebi que no povoado onde estávamos não havia nenhuma igreja fundamentada nos ensinamentos Neo-testamentários, e o povo vivia debaixo de um jugo espiritual opressor. Nas residências, a idolatria imperava e, em algumas delas, possuía um quarto na casa só para manter altares das imagens e deuses da região, além da presença de feiticeiros e bruxas todos os dias nas praias da ilha praticando seus rituais satânicos.

Certa noite, fui até à praia sozinho e de repente, apareceu um jovem no meio da escuridão, se apresentando começou a conversar comigo, em seguida, perguntou se eu gostaria de ir até sua casa, o que fiz sem objeção. Após ter apresentado a sua mãe e irmãs, ele abriu a porta de um quarto e me mostrou um homem deitado,

extremamente magro e pálido. O lugar cheirava mal, um odor como de um cadáver em decomposição. O jovem me disse: “Este homem é o meu pai, ele sofre com câncer e está para morrer a qualquer momento”.

Entendi então o propósito de ter ido até àquele lugar. Ninguém sabia que eu era pastor e, simplesmente, me convidaram para comer algo. Seguido a refeição, perguntei se tinham uma Bíblia e todos ficaram surpresos com a pergunta, mas me trouxeram de imediato uma enorme Bíblia, parte do areópago¹ da casa. Com as Escrituras na mão, entrei no quarto do Sr. João e ali, fui tomado de calafrios devido a opressão presente no lugar e as densas trevas espirituais que sobrecarregavam o ambiente, parecendo um imenso arsenal demoníaco, armado contra mim. Contudo, pela graça divina não me intimidei. Li alguns versos da Palavra, expliquei a leitura e fiz a pergunta ao Sr. João e aos demais presentes: “Sr. João, o senhor quer aceitar a Jesus como seu único e suficiente Salvador?” O mesmo jovem que me convidara a entrar em sua casa, agora se levantava furioso e me dizendo: “O meu pai não pode falar, já não abre a boca por meses. Vá embora daqui”. Eu sabia da existência de

demônios ali, usando todos os seus poderes malignos para impedir de o Sr. João conhecer a Jesus.

Não me dando por vencido, disse: “O senhor não precisa falar, somente balance a cabeça.” Então, fiz uma oração bem pausada dizendo: “Senhor Jesus, eu te aceito na minha vida...” Eu estava com meus olhos fechados, de repente, ouvi uma voz repetindo as minhas palavras três vezes mais alto que eu e abrindo os olhos pensando ser o filho do Sr. João, mas para espanto de todos, era o próprio Sr. João que aceitava a Jesus como Salvador e Senhor de sua vida. (Apêndice V – Salvação - Posso lhe perguntar?).

No dia seguinte, alguns jovens do povoado me vendo tocar violão e cantar, vieram até onde estávamos. Eram por volta de uns dez adolescentes que começaram a cantar comigo. Aquela noite, fizemos um culto no lugar e mais de trinta pessoas apareceram e aceitaram a Jesus, entre eles, o filho e as filhas do Sr. João, sua esposa e outros da vizinhança. Antes de voltarmos, batizei o Sr. João e, uma semana depois, Jesus o levou. Desta feita, o Senhor estava me ensinando a amar os açorianos. Tanto

eu como minha esposa descobrimos o quanto eles eram especiais para Jesus.

Já no Canadá, fui convidado a pastorear uma igreja em Cambridge, cidade a cem quilômetros de Toronto. A princípio, fui somente para cobrir a falta de um pastor, na expectativa de permanecer por apenas quatro meses. Mas como disse, o Senhor tinha outros planos. Tivemos que mudar para lá, onde permanecemos por dois anos. Era uma igreja de trinta pessoas, na sua maioria portugueses das ilhas dos Açores que imigraram para o Canadá a maioria há mais de cinquenta anos. Foi um tempo maravilhoso para nós. Os irmãos nos receberam com grande amor e tivemos a oportunidade de servi-los com muita alegria.

Enquanto isso, Paulo Ventura havia assumido a direção do meu ministério em Toronto e após alguns encontros, vim a descobrir que sua denominação tinha uma igreja em Taubaté, cidade onde cresci. Certificando-me deste fato, fiz saber ao Pastor Paulo que eu crescera naquela cidade, e fui convidado por ele a conhecer e pregar em suas igrejas, quando visitasse meu país. Até então, eu não compreendia o que Deus estava por fazer, e a

razão de tê-lo conhecido.

Milagre na vida do meu filho

Fui ao Brasil participar de um seminário em Campinas, São Paulo. Cheguei numa quinta feira do mês de agosto e no seguido domingo era comemorado o dia dos pais. Vivendo quase treze anos fora da nação, a lembrança dessa data comemorativa já não me era tão viva. Minha família, inclusive meus filhos, ainda não sabia da minha presença ali e, justamente no domingo, dia dos pais, fui convidado a pregar na igreja do Evangelho Pleno, em Taubaté, depois da conclusão do seminário em Campinas. Meu filho passara o dia numa fazenda com os pais da namorada e ao ver a entrega de presentes dos filhos aos pais, ausentou-se do grupo entristecido, indo para a beira de um riacho chorar e, a razão, era ser aquele dia o pior dia do ano para ele pela ausência do seu pai. Para sua surpresa, o telefone do pai de sua namorada tocou e era Michelle, sua irmã, pedindo que noticiassem ao Rodrigo de minha presença, como pregaria em Taubaté, naquele dia. Meu filho derramou-se em lágrimas vindo ao meu

encontro e estivemos todos juntos, naquela noite.

Fui pregar, na terça-feira, na igreja da mesma denominação em Guaratinguetá, outra cidade do estado de São Paulo, levando meu filho Rodrigo comigo. No final da pregação, quando fiz o convite aos presentes para receberem Jesus em suas vidas, Rodrigo foi à frente, aceitando a Cristo como seu Salvador e Senhor e pude ver meu filho chorando aos pés do Senhor. Ao término do culto, contou-me do tremor que sentiu em suas pernas de não poder se controlar, sendo compelido ir à frente. Este filho passou a frequentar os cultos regularmente e se tornou uma nova criatura, pela transformação de Deus.

Testemunho do Rodrigo

“Vocês devem estar se perguntando que testemunho de transformação um filho de um Pastor pode dar. Hoje, sou um servo do Senhor e, graças a ele trago sua Palavra dentro do meu coração, mas nem sempre foi assim. Com dezessete anos de idade conheci Jesus e o verdadeiro caminho da alegria, do amor e da

salvação.

Jesus tem seus caminhos e, muitas vezes não entendemos isso. Não nasci num lar cristão, sendo uma pessoa oprimida, rebelde, amargurada de coração, enfim, alguém sem o conhecimento de Cristo. Meu Pai não conhecia a Jesus, e me recordo das brigas e das discussões em minha casa, desde novo, criança ainda. Tinha quatro anos de idade quando meus pais se separaram e como se fosse hoje, lembro meu pai arrumando a mala em cima da cama, parei ao lado dele naquele momento, e perguntei: “Para onde o senhor vai?” Ouvindo responder: “Vou viajar e depois eu volto”. Porém já entendia, embora tão novo, que ele não votaria mais e comecei a chorar.

Aos cinco anos somente descobri que ele estava no Canadá porque todos escondiam isso de mim, na tentativa de aliviar meu coração. Passados alguns meses, um programa de televisão no Brasil, exibiu uma matéria sobre brasileiros no Canadá e, na entrevista com brasileiros vivendo lá, apareceu justamente, meu Pai. Aquilo caiu feito uma bomba dentro de mim, produzindo um tremendo vazio na minha vida. Perdi a alegria, tornei-me um menino

extremamente rebelde para minha mãe, familiares, todos, ao meu redor e, cresci com extremo ódio do meu pai, no entanto, sentia falta de sua presença grandemente e a insistente lembrança dele me fazia chorar.

Todo ano ou ano e meio, quando ele nos visitava, era tanta alegria com sua chegada que o sofrimento parecia ir embora, acabar. Passava um mês conosco e eu tinha dele amor, carinho, e um pai presente. Ao ir de regresso, meu coração se rasgava, e aquele ódio e rebeldia voltavam mais fortes. Sentia a falta de amor paterno e o vazio voltava ao meu coração.

No colégio, desde o primário, eu era um dos piores alunos. Minha mãe constantemente era chamada para escutar reclamações sobre mim. Ninguém sabia o porquê de tanta rebeldia num adolescente tão novo, ninguém sabia de onde surgia tanto ódio. Com o passar do tempo, fui ficando cada vez mais desobediente e a rebeldia me fazia pensar ser dono de mim, que entendia de todas as coisas, e era dono do meu nariz.

A minha decadência começou ainda na pré-adolescência, aos dez anos de idade, ao experimentar bebida alcoólica e fumar, pois via o meu padrasto bebendo cerveja, fumando e

achava bonito. Recordo-me de começar a beber pouco a pouco do copo do meu padrasto, e a pegar seus cigarros escondido. Aos treze anos, já estava fumando e me alcoolizando.

Quando fui ao Canadá, encontrei meu pai convertido e ele falou de sua nova vida, pediu-me perdão por ter me abandonado, e perguntou-me se eu queria entregar minha vida ao Senhor Jesus e acabei fazendo isso somente para agradá-lo, mas não foi de coração.

Alguns anos mais tarde, em uma das vindas do meu pai ao Brasil, ele foi pregar em uma igreja em Guaratinguetá e naquela noite, entreguei minha vida verdadeiramente ao Senhor Jesus. Lembro-me de sentir minhas pernas trêmulas, parecendo que um peso de mil quilos tinha sido retirado de mim. A partir daquele dia, tornei-me um novo homem, imperfeito sim, mas de interior completamente transformado”.

Uma das promessas divinas sobre meus filhos se cumprira, embora Michelle e Danielle ainda não tivessem se rendido ao Senhor, mas, sempre que eu ia ao Brasil elas me acompanhavam às igrejas que visitava. Tempos depois deixamos a igreja de Cambridge, no

Canadá, e retornamos ao Brasil por seis meses. Nesse período, sentia uma necessidade de confrontar a mim mesmo e as pessoas a quem havia ferido de uma forma mais profunda com minhas atitudes e ausência.

Aproveitei a ocasião para conversar com minha filha Michelle. Ela sorria sempre, mas seus olhos havia tristeza; não falava nada, não abria seu coração, não repartia sua dor, escondendo tudo atrás do sorriso. Ela Lembrava minha infância, pois, quantas vezes sofri calado, sem abrir a boca. Mesmo não tendo agredido meus filhos fisicamente para corrigi-los, agredidos emocionalmente, deixando sequelas profundas em seus corações.

Chamei a Michelle, em particular, e lhe disse: “Filha, o pai sabe que você tem uma tremenda ferida no seu coração e o causador dela sou eu, pois, quando mais precisava de mim, a deixei, quando mais precisava do meu abraço, a abandonei agora, tudo o que peço é que me perdoe.” Minha filha, não se conteve, quebrantada em lágrimas, chorou por longo tempo, e num abraço, disse que me perdoava. Depois, fiz o mesmo com Danielle que também me perdoou.

Decorrido algum tempo, depois da conversa com meus filhos, os três participaram de um retiro espiritual, realizado pela igreja do Evangelho Pleno, em Taubaté e, ao retornarem do evento, recebi com alegria a notícia da conversão da, Michelle e Danielle aceitando Jesus em suas vidas. Tive então, semanas depois, o grande privilégio de batizar nas águas meus três filhos ao mesmo tempo e ser envolvido num abraço tão afetuoso deles, jamais sentido anteriormente. Deus nos havia restaurado! Naquele instante, entendi através daquela expressão de amor deles para comigo, as palavras do profeta Jonas, depois de haver Deus perdoado os ninivitas: “Sabia que és Deus clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal.”³ e também Davi quando restaurado de seu pecado: “Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniquidade, e em cujo espírito não há dolo”.⁴

O Senhor não salvou somente os meus filhos. Ele me amou tanto e sua misericórdia foi tão grande que meus pais também foram alcançados

pelo amor divino.

Salvação dos meus pais

Minha mãe, como disse, era católica convicta e praticante. Não deixava nunca de frequentar quase todos os dias as missas da paróquia, de receber mensalmente a imagem da padroeira local, e ainda voluntariava nos trabalhos religiosos da igreja. Nas minhas idas ao Brasil, tentava explicar para ela o evangelho, o que era inútil, ela não aceitava. Mamãe ia aos médicos constantemente, já sofrera diversas cirurgias, tomava dezenas de remédios e parte dos meus irmãos, não tinham mais paciência com ela, na maioria das vezes ao telefone, eu ouvia as reclamações de suas enfermidades e de mais uma cirurgia por fazer, ficando evidentes os sinais de depressão em seu falar e agir. O inimigo gradativamente destruía a vitalidade de minha mãe.

Em 1997, ela veio ao Canadá, por trinta dias. Na época, eu pastoreava na cidade de Toronto. Conhecedor do seu zelo e fidelidade para com sua religião, senti dirigido pelo Espírito Santo deixa-la à vontade para decidir nos acompanhar,

ou não, à igreja. Enquanto preparávamos para sair no domingo, recorde de ser questionado por mamãe aonde íamos e respondi ser hora de ir à igreja porque as ovelhas esperavam para serem alimentadas com a Palavra de Deus. Espontaneamente, ela prontificou-se acompanhar-me. A partir de então passou a frequentar os estudos, os cultos semanalmente, solicitou-nos uma Bíblia e a lia, todos os dias com bastante interesse e desta maneira, o Senhor foi conquistando, transformando o seu coração, revelando perdão para seus pecados, através da morte e da ressurreição do Senhor. No dia do regresso de mamãe ao Brasil, recebi um telefonema da Gina no trabalho, contando a decisão da nossa hóspede de não deixar o país se eu não a batizasse. Fiquei extasiado; confesso até muito incrédulo, quando ouvi a notícia. Fui às pressas para casa certificar-me da veracidade daquela inusitada decisão e celebrar as boas novas.

Foi assim que, poucos minutos antes de irmos para o aeroporto, mamãe confessava sua fé em Jesus Cristo, recebendo-O como seu Salvador e Senhor, passando pelas águas do batismo.

Já no Brasil, em seu lar, mamãe continuava oprimida e sem forças de se libertar da depressão e opressão que sentia, apesar de ter confessado Jesus como Salvador de sua vida. Vindo ao Brasil, na mesma semana em que Rodrigo aceitou a Jesus, o Espírito Santo me revelou a razão pela qual minha mãe não estava liberta e o porquê eram os pactos feitos por ela com entidades demoníacas participando em rituais condenados pelo Senhor (ver apêndice 1-2) e deviam ser renunciados e desfeitos em sua vida. Chamei-a, indaguei sobre o assunto com algumas perguntas e minha mãe bastante constrangida então me contou de uma aliança feita por ela e meu pai, assim que se casaram numa cerimônia de feitiçaria, a conselho de amigos.

Ouvindo sua confissão e renúncia, quebrei aquele pacto, em nome de Jesus, e minha mãe foi completamente transformada, foi também curada das suas constantes doenças, a ponto dos médicos telefonarem para saber a razão de não mais aparecer em seus consultórios. Sem medo e cheia do Espírito Santo, ela lhes respondia: “O Médico Jesus me curou completamente”. A partir daí mamãe passou a ser disputada pelos

meus irmãos, meus filhos e sobrinhos no Brasil. Todos, quando podiam a visitavam e requisitavam sua presença em seus lares. Ela foi extremamente ativa na igreja Assembleia de Deus em que congregou por anos. Perdeu muitas amigas no bairro, depois que se converteu ao Senhor, mas ganhou paz, saúde, salvação e alegria, além da família na sua nova fé. Cantava no coral e evangelizava a muitos e com a mesma mensagem: “Jesus te ama, entregue sua vida para Ele.” Finalmente, em 2007, ela foi recolhida pelo Senhor, depois de ter cumprindo sua missão de mãe, esposa e serva do Senhor.

A agressividade de meu pai aumentava cada vez mais no trato com minha mãe. Isso já vinha acontecendo anos antes de eu sair do Brasil.

Ele costumava passar uma semana conosco, duas ou três com a outra família e, como um inveterado fumante que era, sofria, na saúde, consequência do maldito vício e afirmava que morreria fumando.

Chegando tarde da noite, certa vez, mamãe levantou-se, como de costume, preparando-lhe comida, café, servindo-o e, ao amanhecer, ele a chamou no quarto, começou a ofendê-la, descontroladamente, terminando por agredi-la

fisicamente e, mantendo seu hábito, partiu.

Mamãe, muito assustada, foi ao meu encontro e contou-me da agressão sofrida. Prometi para ela conversar com papai, no momento de sua volta a casa.

Não demorou muito tempo, estava ele retornando e, de novo, minha mãe o servindo. Nunca tinha confrontado meu pai por seus erros, na infância por medo e quando adulto por respeito a sua autoridade, mas agora, necessário era, para não repetir o incidente e defender minha mãe de futuras agressões. Relutando interiormente, chamei meu pai para o diálogo e comecei dizendo que o amava e sempre o respeitei como líder do lar, porém, não aceitava nenhum tipo de agressão mais, à minha mãe.

Bastante irado comigo disse não querer mais me ver, tampouco falar comigo, e iria embora de casa para não mais voltar, o que ele realmente fez, indo viver com a outra família.

Mas Deus tinha plano também, para a vida de papai. Depois que mudei para o Canadá, fiquei sete anos sem vê-lo, pelo fato dele não me aceitar na sua casa, e na ocasião que sofri enfarto, estando no Brasil, ao sair do hospital, recebi a notícia de internação de meu pai com

complicações cardíacas, e já era o quarto enfarto dele. Sua situação era gravíssima, os médicos não lhe davam nenhuma esperança. Antes da cirurgia, liguei para ele e perguntei se poderia vê-lo e recebi um sim. Corri ao hospital para visita-lo e conversarmos.

A cirurgia estava marcada para o meio-dia, faltava apenas quinze minutos, o hospital ficava na zona norte e estávamos, Gina e eu, distante na zona sul da cidade. Entramos num táxi, solicitando ao motorista que fizesse o possível de chegar a tempo no hospital. Uma hora depois, já sem esperança de vê-lo antes de sua cirurgia; de súbito, corri até o quarto, e lá estava meu pai. Sorrindo, me abraçou nos beijamos, mas estava cheio de medo e temor da morte.

No quarto, junto com ele, havia mais três pessoas que tinham passado pela mesma cirurgia e tentavam encorajá-lo, todavia, repetindo, insistia em dizer que não queria morrer. Envolvi-o num abraço e lhe disse: “Pai, se você entregar sua vida, para o Senhor Jesus agora, de todo o seu coração, ele lhe acrescentará mais alguns anos”. Olhando para mim aquietou-se e, ali mesmo, fizemos a oração de confissão e o meu pai permitiu Jesus entrar em seu coração,

recebendo-o publicamente como seu Salvador e Senhor.

Acompanhei-o, subindo até próximo à sala de cirurgia e pude ouvir os médicos extremamente irados com as enfermeiras, querendo saber a razão de fazer a equipe cirúrgica esperar por quase uma hora, aquele paciente exortando-as. Naquele momento, entendi o trabalhar de Deus em tudo que havia feito, visto e ouvido para que meu pai ganhasse a salvação eterna. A cirurgia teve a duração de nove horas e, depois de longo esforço da equipe cirúrgica, um dos médicos nos deu ciência da debilidade do coração de papai, com a possibilidade de ele não resistir, era questão de horas, a vida dele se esvaía. Naquele momento, alguns dos filhos presentes entraram em pânico. A data era 11 de agosto de 1993, e meu pai completava sessenta e um anos de idade, naquele dia.

Saí do hospital em crise de choro e uma dor profunda na alma. Voltando para casa em Taubaté, cidade a aproximadamente cem quilômetros da capital São Paulo, onde ficava o hospital. Chegando em casa, juntamente com minha mãe, Gina e meus filhos, fomos orar. Falei

com o Senhor, dizendo: “Senhor Jesus, eu disse a meu pai que se ele entregasse sua vida a ti, mais alguns anos o Senhor lhe acrescentarias. Peça-te ó meu Deus que lhe acrescentes mais dez anos de vida.” Quando acabei de orar, senti uma enorme paz no meu coração. Meus filhos choraram e, juntos com a avó, começaram a glorificar o nome de Jesus. Aqui, faz-se necessário ressaltar que nenhum deles conhecia o Senhor, nem havia ainda experimentado intimidade com Deus, mas a presença do Espírito Santo foi tão grande que todos eles foram visitados pelo poder e a graça divina.

Imediatamente liguei para o hospital, que já havia informado à família para preparar o enterro e, com muita surpresa, ouvi deles: “Suspenda o caixão, por enquanto, pois seu pai está dando sinais de recuperação.” Era tudo o que eu precisava ouvir. Três dias depois, eu retornava ao Canadá, e meu pai já pronto a voltar para sua casa.

Antes de visitar papai em 2001 tinha lhe dito já de sua última década de vida falei-lhe então: “Pai, estou retornando ao Canadá e não sei se estarei aqui em 2003, mas quero que me abençoe agora.” Esse fato aconteceu na mesma

época em que batizei meus filhos e, na ocasião, lembro também de ter alertado meu pai de pedir perdão à mamãe e seus filhos, contando, para ele o que Deus tinha feito na vida das minhas crianças, depois de lhes pedir perdão.

Terminada a nossa conversa, meu pai colocou sua pesada mão sobre minha cabeça, abençoou-me ali, com a seguinte oração: “Meu Deus, abençoe o meu filho com muita saúde e com tudo o que ele precisar”. Assim, o deixei retornando ao Canadá. Dois anos e meio se passaram e, no dia 11 de agosto de 2003, quando completava setenta e um anos, o Senhor o levou às seis da manhã, cumprindo com fidelidade dez anos a mais de vida a meu pai.

Para certificar a data Gina, foi até os relatórios médicos e constatou exatamente dez anos. No meio da dor pela partida de meu pai, nós demos glória ao Senhor, pois, ele foi sempre fiel nas suas promessas. Hoje, meu pai está na glória com Jesus e desta forma, O Senhor salvou meus pais e meus filhos.

Identidade & Propósito

Notas:

¹ - *Areópago era o local onde os atenienses adoravam as centenas de deuses nos dias do Apóstolo Paulo. Atos 17: 15-23*

² - *Atualmente Rodrigo está com 34 anos de idade*

³ - *Jonas 4:2*

⁴ - *Salmo 32:1-2*

Capítulo 6

Uma nação sob o domínio dos falsos deuses

Pobreza, injustiça, corrupção, discriminação social e violência foram sofrimentos vivenciados por grande parte da geração de 1970 - entre os mais de noventa milhões de brasileiros, da qual eu fiz parte.

A minha história, certamente, tem muito em comum com a realidade de muitos dos meus compatriotas que viveram dias de escassez de pão, de teto, de direitos humanos, da verdade e, vítimas da avassaladora tríplice aliança entre o poder político, religioso e a mídia num ataque camuflado para a aniquilação de uma nação.

O Estado e a Igreja Romana se agregaram, contando com a poderosa ação controladora das massas: a mídia. Diante da mais cruel e dura realidade da grande parte de um povo vendido como escravo para uma minoria de poderosos que nada mais eram que agentes de Lúcifer, tentando aniquilar toda uma geração.

Naquele tempo, poucos possuíam televisor e

dona Jacira, vizinha da rua, teve sua casa repleta de pessoas que se aglomeravam no chão, nas janelas da sala, enfim, onde estivesse espaço, desejosos de ver a vitória brasileira contra o combinado italiano e a conquista do tricampeonato em 1970 no México.

Com a indústria de eletrodomésticos se expandindo e dando acessibilidade à aquisição desses produtos, compramos parceladamente nosso primeiro televisor em 1974. Grande parte das pessoas já tinha o tão cobiçado aparelho.

As telenovelas começaram a cativar o público e a se popularizar parecendo até então inofensivas. Mesmo assim, os temas abordados, geralmente, giravam em torno da mentira, do adultério, das traições, cobiça, trapaça, ou seja, toda a gama de sentimentos presentes no ser humano.

É interessante notar o poder de persuasão que as novelas possuíam. De seis da tarde até às nove da noite quase um país inteiro era capturado pelas fábulas diante dos aparelhos de TV para assistir e acompanhar vídeos usando a imagem dos seus galãs. Em meio a esta “febre novelística” a nação colhia os frutos da degradação social, moral e econômica. A família

brasileira desintegrava-se dia a dia. Homens casados vivendo paralelamente com uma, ou mais amantes, como consequência, gerando filhos que além das legítimas esposas tornavam-se vítimas destes relacionamentos extraconjugais. Entre esses homens achava-se meu pai. Era o início da “moralidade televisiva”.

Tudo o que a televisão exibia passou a ser considerado normal e permitido. Normal adular normalmente porque na novela eles adulteravam e mentiam por quinze horas por semana, era o que o povo assistia e acompanhava.

O jovem rebelar-se contra os pais, deixar o lar em busca de aventuras, e desesperados pelo dinheiro, sexo e poder, tornou-se normal porque as novelas faziam muito bem o seu papel de ensinar lições que destruía a célula mater da sociedade: a família.

Trapacear, furto, e enganar para uma grande maioria dos brasileiros eram ações consideradas virtudes e não algo repudiável. A malandragem tornou-se sinônimo de admiração e prestígio. Lamentavelmente, essas características podem ser observadas na sociedade e nos altos escalões da política do país

nos dias de hoje.

O liberalismo sem controle abria as portas da perversidade para nossa sociedade. Dentre as tantas festas populares brasileiras, o carnaval, é a maior e mais difundida porque acontece em todo o país. Nos três dias, os adeptos desta festa se despiam do pudor. Havia uma falsa alegria impulsionada pelas drogas e, principalmente, o álcool permitindo a prática de atos de violência e licenciosidade. As mulheres e atrizes de fama, em trajes sumários ou nenhum, exibiam seus corpos nos desfiles das escolas de samba e a TV vendia para o mundo uma imagem de um país permissivo, onde as pessoas pareciam viver dissolutamente. Tomada pelo delírio durante esses dias, a população não percebia que ao seu redor o mal espalhava seus tentáculos, deixando como saldo final assassinatos, estupros, tragédias nas estradas por usos de drogas lícitas e ilícitas, ceifando milhares de vidas. Após os festejos, liam-se as manchetes dos jornais: “Cinquenta mortos e duzentos feridos nas três noites de carnaval do Rio” – “Jovens violentadas e mortas em baile de carnaval” – “Quinhentos assaltos à mão armada na avenida do samba” – “Dezenas de mortos nas rodovias do país

causados por embriaguez.” e perdia o número de tragédias.

As emissoras de TV eram instrumentos usados para neutralizar o povo de quaisquer reações contra o sistema. Bombardeados diariamente por uma carga de informações falsas e de baixíssimo valor moral que controlavam e manipulavam suas mentes. Um sistema similar à propaganda nazista com sua eficácia de persuasão e domínio.

Os anos se passavam e a situação não mudava. Cada vez piores, os shows e as telenovelas continuavam emitindo mensagens imorais, incluindo homossexualismo, feitiçaria exposta e camuflada com suas muitas variações (Candomblé, Espiritismo, Umbanda, Astrologia, Esoterismo, etc.) e, toda a sorte de depravação e sincretismo inimaginável. O resultado foi um verdadeiro caos espiritual e moral que levou uma nação tão rica em recursos naturais e humanos, e por que não dizer, a mais rica do mundo, a continuar a sofrer as consequências da fome, das doenças, do descaso, dos preconceitos e da opressão.

Gostaria de ressaltar para o leitor que se sentir ofendido com minhas afirmações sobre

práticas pagãs de idolatria e feitiçaria que, tomo por base, as Escrituras Sagradas as quais claramente condenam e com veemência tais costumes tanto nos escritos do Velho como do Novo Testamento. Para tirar suas dúvidas leia os apêndices:

- I** – Clarividência, o engodo contra a humanidade.
- II**- Feitiçaria: O que diz a Bíblia?
- III** - Idolatria: Prática condenada pelas Escrituras.